

A África sob o olhar de fotógrafos nativos: as narrativas de Akintunde Akinleye e do Clube do Banguê-Banguê¹

Eliziane Cristina da Silva de Oliveira²

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG)

RESUMO

A proposta desse artigo teve origem em investigações realizadas durante o doutorado em Estudos de Linguagens, em 2021, pelo CEFET-MG. Naquele momento, apresentei os resultados da pesquisa sobre o trabalho de Sebastião Salgado e as construções de imaginários sobre o continente africano a partir dos fotolivros *Êxodos* e *Gênesis*, publicados respectivamente em 1999 e 2014. Nos movimentos da pesquisa, surgiu a hipótese de que fotógrafos nativos, como o nigeriano Akintunde Akinleye e os sul-africanos João Silva, Greg Marinovich, Kevin Carter e Ken Oosterbroek, teriam um modo de olhar para seu próprio continente de uma forma diferente dos fotógrafos estrangeiros, como é o caso de Salgado. E diferentemente do que se pensava a partir da hipótese inicial, o modo de olhar as realidades e africanas e construir suas narrativas são semelhantes àquelas que fotógrafos estrangeiros nos dão a ver.

PALAVRAS-CHAVE: fotografia; narrativas fotográficas; construção de imaginários; fotógrafos africanos.

INTRODUÇÃO

O continente africano é considerado por muitos como o berço do mundo, com seus milhares de anos de história, contados desde antes da Pré-História. Sendo assim, o continente teve e ainda tem importância ao se pensar pontos cruciais sobre a humanidade e sua jornada no planeta, bem como suas atividades sociais e culturais e seus aspectos geográficos. Considerando as grandes diversidades humana e natural encontradas na África – ou Áfricas, como nos alerta Silva (2013) – observamos a forma que o continente é retratado por fotógrafos nativos. A partir desse exercício, buscamos encontrar direcionamentos para compreender as formas de construção de imaginários existentes sobre a África a partir das fotografias e das narrativas que elas engendram e que nos são apresentadas.

¹ Trabalho apresentado no GP Fotografia, XXIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Doutora em Estudos de Linguagens pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), email: elizianes@hotmail.com

Selecionamos então, entre fotógrafos africanos, o nigeriano Akintunde Akinleye e o grupo de fotógrafos sul-africanos conhecido como o Clube do Banguê-Banguê, formado por João Silva, Greg Marinovich, Kevin Carter e Ken Oosterbroek. Esses nomes são apenas escolhas subjetivas e tem-se, aqui, somente a intenção de apresentar suas formas de ver e mostrar a África.

A NIGÉRIA DE AKINTUNDE AKINLEYE

Akintunde Akinleye é um fotógrafo nigeriano, nascido em 1971, que tem formação acadêmica nas áreas de educação, artes e antropologia visual. Com sua trajetória na área de Ciências Humanas, Akinleye relaciona seu trabalho fotográfico com sua formação acadêmica e com as relações entre tempo, espaço e construção da memória. De acordo com informações disponíveis no site do fotógrafo, Akinleye realiza uma pesquisa de doutorado em Antropologia Visual, na Carleton University, em Ottawa, no Canadá. Foi fotógrafo da Agência Reuters³ e, com suas fotografias de seu país, foi premiado pela Word Press Photo⁴ em 2007, na categoria Spot News, com uma imagem registrada em dezembro de 2006, da crise do petróleo ocorrida na Nigéria naquele período (FIG. 1). Esse mesmo momento histórico (FIG. 2) foi apresentado por Akinleye na primeira edição do Festival Internacional da Fotografia de Belo Horizonte (FIB-BH), em 2015. O trabalho de Akinleye nos apresenta, entre outras questões, o contexto histórico da Nigéria, país localizado na África Ocidental, com população de cerca de 206 milhões de habitantes (2019), segundo dados do Banco Mundial⁵, que foi colonizado pela Grã-Bretanha até 1960, ano em que a nação se tornou independente dos britânicos. Entretanto, a exploração de recursos naturais, como o petróleo, continuou sendo feita por empresas estrangeiras, o que contribuiu para a manutenção da concentração de renda e, conseqüentemente, da pobreza extrema de uma parcela da população nigeriana que não tem acesso a necessidades básicas de sobrevivência. Diante dessa situação social, parte

³ Agência de notícias britânica, fundada em 1851 por Paul Julius Reuter. É a divisão de notícias e mídia da Thomson Reuters, um dos principais provedores de notícias multimídias do mundo, com alcance de milhões de pessoas diariamente.

⁴ Associação fundada em 1955, por um grupo de fotógrafos holandeses, e que anualmente premia trabalhos de fotógrafos e fotojornalistas de diversos países do mundo, contemplando as narrativas visuais e considerando ainda as mudanças no jornalismo e das tecnologias da fotografia.

⁵ Disponível em <https://data.worldbank.org/indicador/SP.POP.TOTL>, acesso em 11 de setembro de 2021, às 16h15.

da população decidiu se reapropriar do petróleo, num processo que ficou conhecido como reabastecimento, com a invasão de refinarias e “roubo” do petróleo bruto que é vendido ao mercado internacional ou refinando localmente, o que faz com que a região seja altamente poluída (Vilela, 2018).



Figura 1: Fotografia de Akintunde Akinleye premiada pela Word Press Photo, em 2007

Essa série é chamada de Bunkers de Petróleo e os registros de Akinleye, embora publicados em veículos noticiosos e informativos, apresentam características documentais e nos trazem uma leitura de um momento histórico daquele país. Uma característica marcante do trabalho de Akinleye é o uso de cores e também uma certa dramaticidade presente em suas narrativas visuais, que são capazes de despertar a atenção de quem as observa.



Figura 2: Seleção de fotografias de Akintunde Akinleye apresentadas no FIF-BH 2015.

Além desse trabalho que mostra a crise do petróleo na Nigéria, bem como seus desdobramentos sociais e econômicos no país, Akinleye apresentou, no FIF 2015, outro

aspecto da sociedade e da cultura nigerianas: a produção da indústria cinematográfica, também conhecida como Nollywood. Embora tenhamos clareza de que a produção cinematográfica seja um dos aspectos de construção cultural de um país, esse trabalho, que foi um dos quais fomos apresentados à produção fotográfica de Akinleye, não será aprofundado neste artigo. Nosso foco aqui é perceber o olhar e as formas que o fotógrafo nos apresenta outras situações conflituosas registradas no continente africano, bem como sua cultura e seus aspectos naturais.

Além das narrativas visuais sobre as questões relacionadas à exploração de petróleo na Nigéria, Akinleye, com seu olhar jornalístico e documental e sua formação acadêmica ligada aos aspectos sociais não somente de seu país, apresenta histórias sobre situações nigerianas, mas que podem ser comuns a outras nações africanas e a outros países em condições econômicas e sociais semelhantes àquelas encontradas lá. Selecionamos para este momento da investigação algumas fotografias que fazem parte das galerias mantidas por Akinleye em seu *site* (Política, Conflitos e Notícias Gerais; Energia, Ambiente e Paisagem; Cultura, Turismo e Entretenimento; Vida Cotidiana e Estranhamente; Religião e Sistema de Crenças; e Folhas Rasgadas).

A primeira série que escolhemos foi da categoria Políticas, Conflitos e Notícias Gerais e retrata o trabalho diário dos bombeiros de Lagos, a maior cidade e antiga capital da Nigéria, com mais de 20 milhões de habitantes e importante polo econômico do país, com todos os problemas urbanísticos e ambientais comuns a grandes cidades do mundo. A cidade é cortada por extensos oleodutos para transporte e escoamento da produção petrolífera da Nigéria. Toda essa rede subterrânea passa sob escolas, hospitais, centros de comércio e casas. Como falamos no início desse artigo, embora o país seja grande produtor de petróleo na região, muitas pessoas cavam, em diversas situações, esses oleodutos na tentativa de obterem algum combustível, o que causa acidentes com incêndios e grande poluição ambiental. Nesse cenário, o trabalho dos bombeiros é intenso para combater os incêndios e demais acidentes decorrentes dessa situação (FIG. 3).



Figura 3: Fotografia da série Bombeiros de Lagos, de Akintunde Akinleye. Reprodução do site do fotógrafo feita pela autora.

Na segunda fotografia (FIG. 4), vemos um bombeiro que se refresca ou se lava – não sabemos ao certo – com a água que combate os incêndios. Ao nosso ver, essa ação também facilita o combate ao fogo, diminuindo a temperatura corporal e evitando queimaduras, por exemplo. Ao fundo, na imagem, um carro em chamas.



Figura 4: Fotografia da série Bombeiros de Lagos, de Akintunde Akinleye. Reprodução do site do fotógrafo feita pela autora.

A segunda série que escolhemos entre os trabalhos de Akinleye nos traz fotografias que são o registro das migrações, bem como das tentativas de migração, da África para a Europa, passando pelo deserto do Níger, antes de chegar à Líbia ou ao Egito. É a série “Agadez: Não é uma carne na torta”, que faz parte da galeria Vida Cotidiana e Estranhamente. Muitas das pessoas que tentam migrar para a Europa enfrentam as dificuldades nessa travessia e parte delas acaba morrendo, assim como acontece com muitos imigrantes na travessia do Mar Mediterrâneo, situação que é reportada em veículos de informação jornalística em diversos países do mundo, inclusive no Brasil.



Figura 5: Fotografia da série Agadez: Não é uma carne na torta, de Akintunde Akinleye. Reprodução do site do fotógrafo feita pela autora.

Em ambas as imagens (FIG. 5 e FIG. 6) o que vemos é o uso de diversos meios de transporte por pessoas de várias idades para os deslocamentos migratórios.



Figura 6: Fotografia da série Agadez: Não é uma carne na torta, de Akintunde Akinleye. Reprodução do site do fotógrafo feita pela autora.

O CLUBE DO BANGUE-BANGUE NA ÁFRICA DO SUL

O grupo formado pelos sul-africanos Kevin Carter, Greg Marinovich, João Silva e Ken Oosterbroek ficou conhecido nos anos 1990, como O Clube do Banguê-Banguê. Entre 1990 e 1994, período compreendido pela libertação de Nelson Mandela da prisão e sua eleição para presidente do país, a África do Sul foi marcada por uma intensa guerra civil entre apoiadores de partidos políticos e também entre tribos. Esse período ficou conhecido como Guerra dos Albergues.

O fim do regime do Apartheid, a segregação entre negros e a minoria de brancos que vigorou por cerca de 45 anos no país, provocou rupturas e disputas e o assassinato de milhares de sul-africanos. Esse período foi reportado ao mundo por diversos jornalistas e fotojornalistas, mas nesse ponto do artigo, nos ateremos aos quatro sul-africanos porque nosso interesse é avaliar os discursos visuais criados e apresentados com o olhar nativo, embora entendamos que existiram, e ainda existem, influências externas sobre esses olhares. Outro motivo que nos leva a escolher o trabalho desse

pequeno grupo de fotógrafos é o registro visual dos conflitos e guerras civis na África do Sul, registradas pelo Clube do Banguê (FIG. 7).

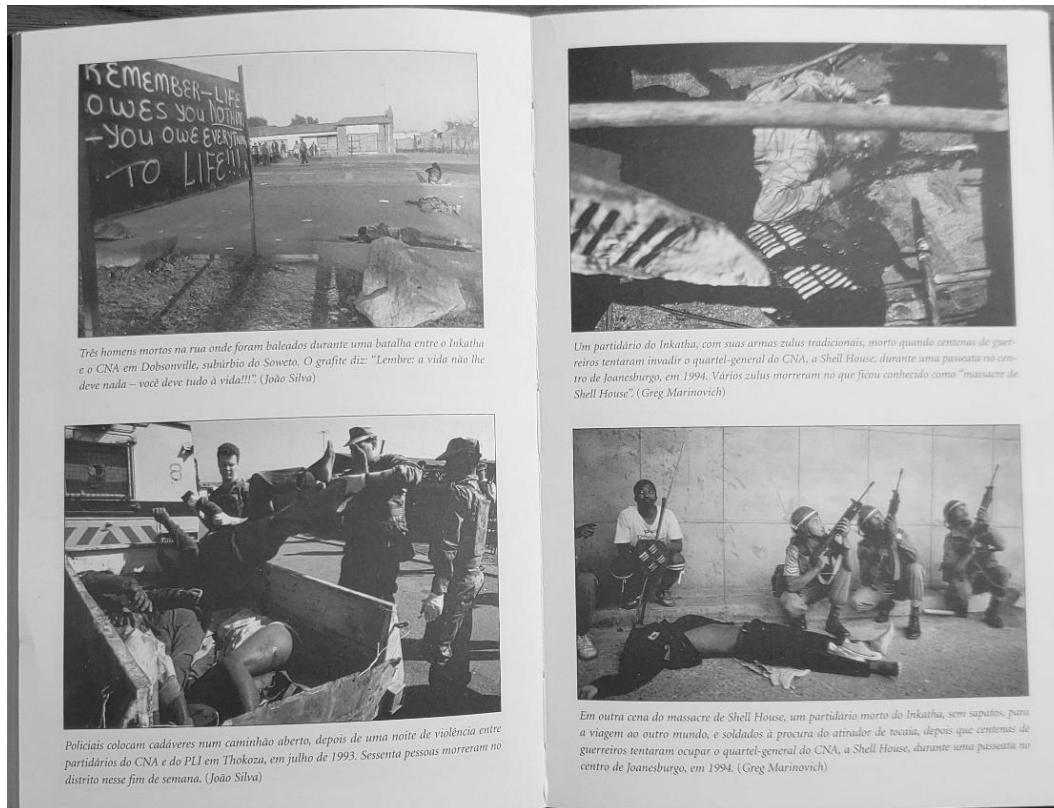


Figura 7: Fotografias de conflitos registrados por integrantes do Clube do Banguê-Banguê na África do Sul. Encarte de imagens do livro O Clube do Banguê-Banguê – reprodução feita pela autora.

As histórias dos fotógrafos desse grupo nos remetem a outras narrativas relacionadas ao registro visual de guerras e conflitos ao longo dos anos, bem como aos fotógrafos autores dessas imagens, desde que a fotografia e o fotojornalismo passaram a ser utilizados como testemunhas visuais das guerras travadas ao redor do mundo. Embora nosso interesse nesta breve investigação não seja discutir e caracterizar gêneros ou subgêneros dentro do universo da fotografia, consideramos, assim como Munteal e Grandi (2005), que a trajetória da fotojornalismo, desde sempre, esteve – e ainda está – muito próxima da história da fotografia.

A trajetória do fotojornalismo quase se confunde com a história da própria fotografia. As primeiras experiências com a fixação de uma parcela da realidade em uma placa de vidro, que causaram a perplexidade ao reproduzir o mundo das imagens, algo desconhecido até então, foram ampliadas pela possibilidade de saber visualmente o que acontecia em localidades distantes. E sua utilização pela imprensa possibilitou a difusão dessas imagens,

transmitindo visões de mundo recebidas pelo leitor como uma maneira de ser e agir, representadas nas páginas das publicações. (MUNTEAL; GRANDI, 2005, p. 13)

O trabalho desses quatro fotógrafos/fotojornalistas, embora tenha características de notícias diárias que foram publicadas em páginas de jornais de diversos países pelo mundo, desempenhou também funções de registro e documentação de um período relevante da história da África. Dada essa importância, retomamos brevemente aqui, o imaginário romantizado acerca da profissão dos fotógrafos/fotojornalistas de que o cidadão fotógrafo é aquele que tudo vê e apresenta as imagens capturadas para as demais pessoas ou ainda aquele que registra, com suas lentes, tudo o que acontece distante. Acrescentamos aqui que, por outro lado, em nossa leitura sobre o trabalho em situações extremas, essa visão romântica pode partir dos próprios profissionais que, ao realizar coberturas de conflitos e guerras onde poucas pessoas gostariam de estar, possam se sentir imortais, espécies de super-heróis capazes de suportar as consequências psicológicas negativas que as situações de sofrimento humano podem causar àqueles que as acompanham. As imagens capturadas pelo Clube do Banguê-Banguê têm em comum o registro do sofrimento humano em momentos críticos como os períodos de guerra civil pelos quais a população do continente africano passou e vem passando ao longo dos anos.

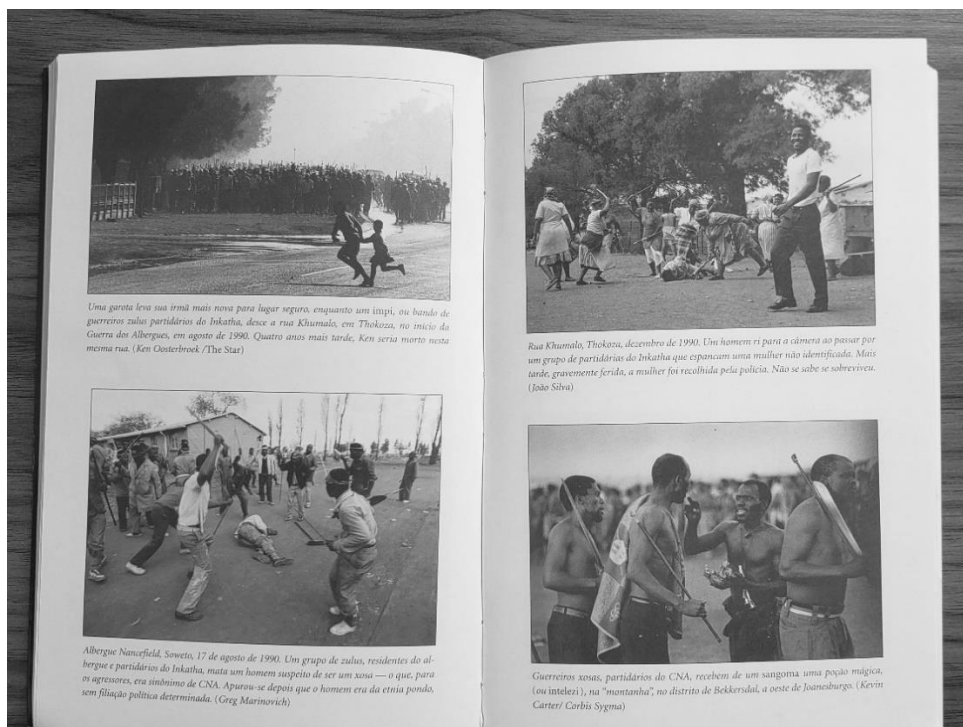


Figura 8: Fotografias de conflitos registrados por integrantes do Clube do Banguê-Banguê na África do Sul. Encarte de imagens do livro O Clube do Banguê-Banguê – reprodução feita pela autora.

Dos quatro integrantes desse pequeno grupo, Ken Oosterbroek foi ferido e morto em um dos conflitos, durante a realização de uma pauta em Thokoza, na África do Sul, em 18 de abril de 1994. E Kevin Carter, outro participante do grupo, tirou a própria vida em 27 de julho de 1994, poucos meses depois de ter sido agraciado pelo Prêmio Pulitzer⁶, na categoria Foto de Destaque, pela imagem de uma garota sudanesa faminta e que era espreitada por um abutre (FIG. 9)



Figura 9: Fotografia de Kevin Carter premiada pelo Prêmio Pulitzer, em 1994. Poucos meses depois, o autor cometeu o suicídio.

Quanto aos outros dois – Greg Marinovich e João Silva – escreveram o livro “O Clube do Banguê-Banguê: instantâneos de uma guerra oculta”, lançado no Brasil em 2003, no qual relatam, para além dos conflitos, os dramas individuais que cada um dos quatro enfrentou e, em alguma medida, desconstróem ideias e imaginários de que a profissão é apenas cercada de glórias e prêmios e expõem os danos que as realidades registradas por suas lentes ficam para sempre em suas memórias, mais que qualquer imagem fotográfica registrada em negativos ou nos cartões de memória.

⁶ O Pulitzer é um prêmio estadunidense, criado em 1917, por desejo de Joseph Pulitzer. O prêmio é administrado pela Universidade de Columbia, em Nova Iorque, e é outorgado a pessoas que realizem trabalhos de excelência na área do jornalismo, literatura e composição musical.

OLHAR ESTRANGEIRO

A título de exemplo de olhar estrangeiro ou nômade, como nos sugere Valle (2018), apresentamos nessa pequena seção alguns registros feitos por Sebastião Salgado em seu fotolivro *Êxodos*. Essa escolha se justifica, como dito na apresentação desse trabalho, pelo fato de a origem do artigo que aqui apresento estar nas investigações realizadas durante o andamento do meu processo de doutoramento. As duas fotografias mostradas aqui foram selecionadas porque apresentam semelhanças de gênero fotográfico (fotojornalismo e fotografia documental) com os trabalhos apresentados por Akintunde Akinleye e pelo Clube do Banguê-Banguê nas seções anteriores desse artigo.

Vale lembrar aqui que o fotolivro *Êxodos*, de Sebastião Salgado, é um conjunto de registros das migrações humanas registradas em diversos países e regiões do mundo, incluindo o continente africano, onde foram registradas guerras civis, como as que ocorreram em Ruanda (FIG. 10) e em Angola (FIG. 11) e outras situações que fizeram com que centenas de milhares de pessoas fugissem de seus lugares de origem para sobreviverem como refugiados em outras localidades.

Em *Êxodos*, o fotógrafo nos traz a África subsaariana que, historicamente e de acordo com os dados do IDH apresentados pela ONU, é a região mais pobre do continente. Entre os países, está Ruanda, com o qual Salgado afirma ter estabelecido laços devido às amizades que fez por lá. Tanto que a maior parte das imagens que estão no fotolivro são desse país que registrou, nos anos 1990, uma intensa guerra civil que resultou em mortes, dor e sofrimento. E é nesse ponto que noto uma diferença no olhar do fotógrafo: mesmo com tanta desolação e com tantos afetos que diminuiriam sua potência de ação, ele mantém o respeito ao ser humano, a solidariedade, a comiseração. Ainda com esse diferencial na forma de olhar o outro, essa ainda é a África dos produtos noticiosos.



Figura 10: Corpos de homens assassinados na estrada que liga a fronteira com a Tanzânia à capital de Ruanda, Kigali (*Êxodos*, p. 170) – reprodução feita pela autora.

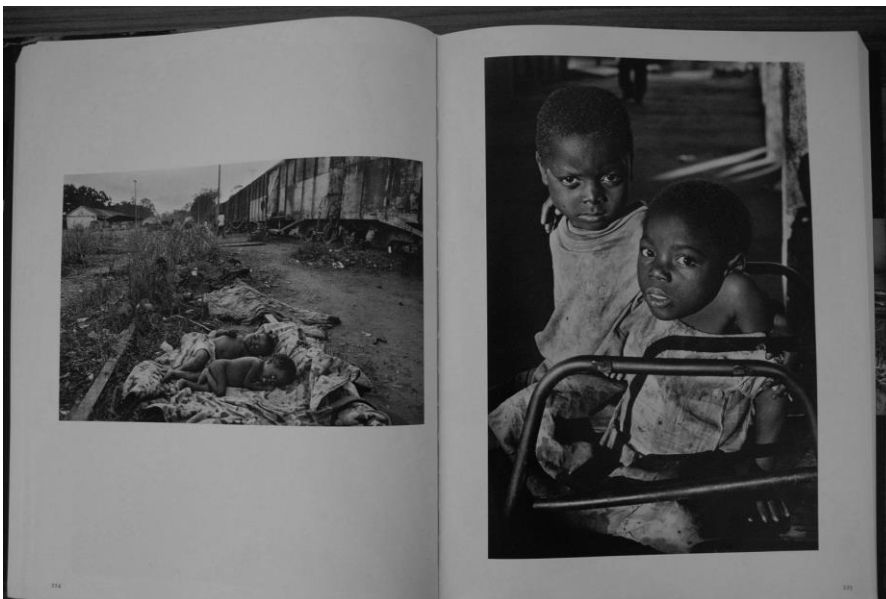


Figura 11: Crianças, assim como os adultos angolanos, sentem os reflexos dos conflitos internos no país. (*Êxodos*, p. 224 e 225) – reprodução feita pela autora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dessa leitura dos trabalhos de Akinleye e do Clube do Banguê Banguê, refletimos que os discursos que circulam nos veículos de comunicação são contribuintes para a formação de nossos imaginários sobre diversos assuntos. E não são discursos

neutros. Eles trazem em seus bojos ou arcabouços as intenções e as subjetividades de quem os enuncia. Os profissionais que trabalham para esses veículos de imprensa ou para as agências de fotografia ou de notícia são treinados para apurar e reportar o acontecimento midiático-jornalístico.

Akinleye e o Clube do Banguê Banguê, assim como Sebastião Salgado, foram treinados para contar histórias visuais para jornais e revistas, e para que suas imagens estejam em páginas noticiosas – impressas ou digitais –, é preciso que atendam aos requisitos e exigências que são próprios das notícias, com critérios de noticiabilidade, por exemplo.

Quando propus a comparação entre as narrativas visuais de Akintunde Akinleye e do Clube do Banguê-Banguê, fotógrafos africanos, e de Salgado sobre a África, minha principal hipótese é que haveria diferenças discursivas significativas, o que não ocorreu. Acredito que a forma que todos eles retratam os acontecimentos do continente é, sim, moldada pela experiência e prática profissional no campo informativo, independente até de suas formações acadêmicas semelhantes, como é o caso de Akinleye e Salgado. Acredito que as histórias de vida são fatores que têm influência na construção individual das narrativas e provocam diferenças entre essas que apresentei neste trabalho, seja nos enquadramentos, na luz e na relação estabelecida com os fotografados e nos resultados que essas ações provocam na construção final das narrativas.

Comparar as narrativas visuais sobre a África a partir dos trabalhos de Akintunde Akinleye e do Clube do Banguê-Banguê, não confirmou a hipótese inicial de que haveria diferenças discursivas significativas acerca das realidades do continente. Acredito que a forma que todos eles retratam os acontecimentos do continente é, sim, moldada pela experiência e prática profissional no campo informativo, independente até de suas formações acadêmicas. Acredito que as histórias de vida são fatores que têm influência na construção individual das narrativas e provocam diferenças entre essas que apresentei neste trabalho, seja nos enquadramentos, na luz e na relação estabelecida com os fotografados e nos resultados que essas ações provocam na construção final das narrativas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHARAUDEAU, Patrick. **Os estereótipos, muito bem. Os imaginários, ainda melhor.** Traduzido por André Luiz Silva e Rafael Magalhães Angrisano. Entrepalavras, Fortaleza, v. 7, p. 571-591, jan/jun. 2017.

VALLE, Marcela Chaves Barino. **A voz dos fotógrafos: uma análise da função pública e da potência política da fotografia documental em cenas da vida cotidiana no Everyday África.** Dissertação de Mestrado. 213 f. Universidade Federal Fluminense. 2018

DURAND, Gilbert. **O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem.** Tradução: Renée Eve Levié. 3 ed. Rio de Janeiro: Difel, 2004

GALARD, Jean. **Beleza exorbitante: reflexões sobre o abuso estético.** Tradução: Iraci Poleti. São Paulo: Editora FAP-Unifesp, 2012.

MARINOVICH, Greg. SILVA, João. **O Clube do Banguê-Banguê.** Tradução: Manoel Paulo Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

MUNTEAL, Oswaldo. GRANDI, Larissa. **A imprensa na história do Brasil: fotojornalismo no século XX.** Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio: Desiderata. 2005.

OLIVEIRA, Eliziane Cristina da Silva de. **Representação do sofrimento em capas de jornais brasileiros: coberturas fotográficas dos terremotos no Haiti e no Japão.** Dissertação de Mestrado. 226 f. Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET-MG. Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens. 2014.

SILVA, Alberto da Costa e. **A África explicada aos meus filhos.** 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

SPINOZA, Benedictus. **Ética/Spinoza.** Tradução: Tomaz Tadeu. 2 ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2013. 238 p.

VILELA, Bruno (org). **Mundo, imagem, mundo: caderno de reflexões críticas sobre a fotografia.** Tradução: Geraldo Cáffaro, Pedro Corgozinho, Pedro Vieira e Sílvia P. Barbosa. Belo Horizonte: Editora Malagueta Produções, 2018

<https://akintundeakinleye.com>, acesso em 14 de agosto de 2021, às 10h20.

<https://www.worldpressphoto.org/collection/photo/2007/30997/1/2007-Akintunde-Akinleye-SN1>, acesso em 14 de agosto de 2021, às 18h36

<https://brasilecola.uol.com.br/geografia/africa-continente.htm>, acesso em 22 de abril de 2021.

<https://www.un.org/en/global-issues/population>, acesso em 29 de abril de 2021

<https://data.worldbank.org/indicator/SP.POP.TOTL>, acesso em 11 de setembro de 2021, às 16h15.

<https://www.pulitzer.org/prize-winners-by-year/1994>, acesso em 20 de setembro de 2021, às 22h50

<https://jornalismosp.espm.edu.br/bangue-bangue-clube-os-fotojornalistas-contra-o-apartheid-na-africa-sul/>, acesso em 20 de setembro de 2021, às 23h15